
**DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA EM CONTEÚDO FICCIONAL SERIADO:
ANÁLISE DE UNITED STATES OF TARA**

**SCIENTIFIC CONTENT IN FICTIONAL SERIES:
ANALYSIS OF UNITED STATES OF TARA**

THAYSE GIOPPO ¹; FERNANDO GOMES ²; VALQUIRIA MICHELA JOHN ³

UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ (SC)

Resumo: A televisão, além de ter como característica o entretenimento também traz para o público temas que podem pautar diversas conversas, outros meios e/ou conteúdos, aprofundam e até mesmo ensinam sobre determinados assuntos. Partindo disso, esta pesquisa teve como objetivo discutir, através da análise de conteúdo de três episódios da série United States of Tara, se e como ocorreu a divulgação científica do Transtorno Dissociativo de Identidade. Pudemos constatar que houve divulgação sobre transtorno de forma clara, nos momentos em que ele foi trabalhado. As observações principais, porém, foram de que a série tinha como primeiro objetivo mostrar como os alters influenciam na vida de uma pessoa e da família. Mesmo não sendo a divulgação o principal foco, a série pôde contribuir para esclarecer muito bem sobre o transtorno, ao público em geral.

Palavras-Chave: série, divulgação científica, transtorno dissociativo de identidade.

Abstract: Television, besides having entertainment feature also brings to the public themes that can guide several conversations, others media and contents, to deepen and even teach about certain subjects. From this point of view, this research aimed to discuss through the content analysis of three episodes of United States of Tara serial, and if there was a scientific dissemination of Dissociative Identity Disorder. It could be observed that there was clear disclosure of this kind of disorder at time it was deal about. The main observations, however, were that this serial had as main objective to show how alters influence on a person's life and his family. But even if it has not been the main focus of the release, the serial could help a lot make the subject clear to general public about this disorder.

Keywords: serial fiction; scientific dissemination; Dissociative Identity Disorder.

¹ Bacharel em Jornalismo pela Universidade do Vale do Itajaí. E-mail: thazacg@gmail.com.

² Bacharel em Jornalismo pela Universidade do Vale do Itajaí. E-mail: fernandogomess@gmail.com.

³ Doutoranda em Comunicação e Informação pela UFRGS. Professora do curso de Jornalismo da Univali. Atuou como orientadora da pesquisa. E-mail: vmichela@gmail.com.

Introdução

A televisão tem como principal característica entreter o telespectador, mas além do divertimento ela tem também como um de seus atributos informar e levar ao público assuntos que muitas vezes não fazem parte do cotidiano das pessoas. Por vezes, esses temas chegam a apontar problemáticas da sociedade que se tornam assuntos de conversas muito discutidos. Alguns exemplos que podemos citar são as telenovelas brasileiras que já trataram de bulimia⁴ e, recentemente, a homofobia na trama de *Insensato Coração* (Rede Globo, 2011).

Os assuntos discutidos em tramas de ficção muitas vezes são polêmicos ou de pouco conhecimento e, ao entrar em pauta, podem despertar o interesse da população. Quando esses temas são apresentados para a sociedade, vêm à tona discussões que seguem para todos os segmentos de mídia, inclusive no conteúdo informativo. São colocados em pauta temas que vão desde drogas, homossexualidade, doenças em geral a síndromes e transtornos comportamentais. As séries americanas trazem esse aspecto como uma de suas características sendo que a temática da saúde é uma das mais recorrentes. Em algumas tramas a medicina é o assunto central, como em *M*A*S*H*, série médica que ficou no ar por 11 anos e durante 27 como uma das maiores audiências da televisão norteamericana. *E.R.*, conhecida no Brasil como *Plantão Médico*, uma das séries médicas mais longas, ficou no ar por 15 anos. Podemos citar ainda *Grey's Anatomy* e *House*, entre outras.

Os temas médicos trabalhados por essas séries variam muito, vão desde casos como pacientes que sofreram acidentes, casos mais clássicos em séries em que o cotidiano pessoal dos personagens é parte do roteiro. Nesses casos, trabalha-se a medicina, mas também um envolvimento mais emocional do telespectador com a ficção. Em séries em que os eventos médicos são prioridade, como *House*, os casos são mais trabalhados e obtemos explicações detalhadas e aprofundadas. Entre os vários temas, a saúde mental e as questões que envolvem o comportamento humano e seus “desvios” costumam ganhar bastante destaque.

Entre esses temas, a questão da dupla ou das múltiplas personalidades é bastante discutida pelas ficções, ainda que nem sempre como foco central. No Brasil, um exemplo é a

⁴ Na novela *Páginas da Vida*, exibida pela Rede Globo em 2006.

telenovela *Irmãos Coragem* (Rede Globo, 1970; 1995). Exibida na década de 1970, trazia a personagem Lara, interpretada por Glória Menezes que apresentava Transtorno Dissociativo de Identidade (TDI), anteriormente conhecido como transtorno de múltipla personalidade. A personagem se dividia entre Diana, mais sensual, e Márcia, uma personalidade equilibrada, além da própria Lara que era tímida. O transtorno foi resolvido no final com uma cirurgia no cérebro⁵.

O que inspirou Janete Clair a criar a personagem de *Irmãos Coragem* foi Sybil Isabel Dorsett. Esse caso verídico aconteceu no Estado de Minnesota, nos Estados Unidos: tratava-se de uma paciente psiquiátrica que apresentava 15 personalidades ou alters (alter ego), além da personalidade atuante. O caso de Sybil, que na verdade se chamava Shirley Ardell Mason, transformou-se em livro em 1973 pela autora Flora Rheta Schreiber intitulado *Sybil*. Em 1976, foi lançado o filme “As faces de Eva”, inspirado no livro, e, em 2007, a HBO refilmou a história no longa *Sybil*, com mais fidelidade ao livro que o anterior.

No ano de 2009, estreou no canal *Showtime* a série *United States of Tara*, objeto de estudo dessa pesquisa, que tem como protagonista Tara, personagem interpretada pela atriz Toni Collette. A personagem sofre com TDI e a série tem como assunto principal as transições de Tara e como a família lida com as mudanças de personalidade que ocorrem, principalmente, quando ela não consegue lidar com situações emocionalmente difíceis. A série estreou no dia 18 de janeiro e teve seu último capítulo exibido no dia 20 de junho de 2011 após três temporadas com 12 episódios cada uma. Cada episódio tinha de 23 a 29 minutos de duração e o motivo dado para o cancelamento foi que a trama estava com baixa audiência. O episódio piloto teve cerca de 880 mil de telespectadores⁶, enquanto o último episódio teve 375 mil⁷. A série fazia parte da *midseason* - período que vai de janeiro a maio nos EUA - do canal.

⁵ Essa foi uma forma escolhida pelos autores da telenovela para concluir a história. Cada caso de TDI é tratado de maneira distinta e com tratamentos diferenciados, porém, não foram encontradas referências à cirurgia para o tratamento do TDI.

⁶ Fonte: <http://latimesblogs.latimes.com/showtracker/2009/01/showtime-scores.html>. Acesso: 29 set. 2011.

⁷ Fonte: <http://tvbythenumbers.zap2it.com/2011/06/21/monday-cable-ratings-wweraw-secret-life-switched-at-birth-teen-wolf-sanctuary-more/96200/>. Acesso em 29 set. 2011.

O início da primeira temporada traz a apresentação das personagens. A principal, Tara Gregson, e suas outras quatro personalidades: T, adolescente de 15 anos; Alice, dedicada à família, preza por bom comportamento e reza todas as noites pelas outras identidades; Buck, personalidade masculina; e Gimmy, alter animalesco, sem personalidade humana. Fazem parte também o marido Max (John Corbett), a irmã mais nova de Tara, Charmaine (Rosemarie Dewitt) e os filhos Kate (Brie Larson) e Marshall (Keir Gilchrist).

Nas duas primeiras temporadas o tema gira em torno de como a família lida com as transições e, posteriormente, com as personalidades alternativas. Os processos dissociativos se dão em momentos em que a personagem não consegue lidar com situações extremas com a família e as consequências que os próprios alters deixam. É na última temporada que se desencadeia o tratamento e as explicações sobre porque a personagem tem tantas personalidades que se manifestam.

O TDI, tema trabalhado na série, tem estudos iniciais datados do século XIX pelo psicólogo e neurologista francês Pierre Janet. Inicialmente, após algumas observações clínicas, ele o definiu como dissociações mentais. Os pacientes de Janet apresentavam momentos de suas vidas inacessíveis à memória e, em função disso, apresentavam alterações de identidade e consciência (Kimati; Santos, 2006).

Desde Janet muitos estudos já foram feitos sobre casos de TDI. Mas, ainda é surpreendente o fato de a mente humana ter um mecanismo de defesa capaz de criar dentro de uma mesma pessoa diversas personalidades distintas entre si. A curiosidade, após acompanhar a série *United States of Tara*, foi o que instigou esse estudo. O objetivo da pesquisa é observar se a série contribui para a divulgação científica sobre o tema, o quanto a ficção se aproxima da ciência e como ela é divulgada. Sendo o objetivo maior verificar se a série permite uma compreensão do transtorno para o telespectador.

Procedimentos

Analisamos um episódio de cada uma das três temporadas fazendo uma analogia à trajetória comum nas narrativas: a apresentação do tema, o clímax e o desfecho da história (Gan-

cho, 1999). Para essa escolha, porém, foram assistidos todos os episódios das três temporadas. Eles não foram escolhidos aleatoriamente e sim aqueles que pudessem representar cada um dos respectivos momentos da narrativa, conforme proposto por Gancho (1999). Para a análise, utilizamos a técnica da análise de conteúdo proposta por Bardin (1977). A AC, segundo Bardin, contém três fases ou pólos cronológicos.

A primeira fase, que é a de pré-análise, é a organização e há três encargos: a escolha dos documentos para análise, a formulação de hipóteses e objetivos e a elaboração da fundamentação que sustente a interpretação final (Bardin, 1977). No presente trabalho as três etapas foram concluídas, respectivamente: escolha do décimo primeiro episódio da primeira temporada, o quinto da segunda e o décimo segundo da terceira temporada. A segunda é busca pela resposta de: há clareza na trama sobre o TDI? Por último a fundamentação baseada em autores da área de psicologia, psiquiatria e psicanálise que trazem a base para a análise dos dados, bem como conceitos de divulgação científica.

Após a conclusão da pré-análise temos como segundo pólo a exploração do material. Para Bardin (1977), essa segunda parte é “a fase da análise propriamente dita” e “não é mais que a administração sistemática das decisões tomadas”. Nessa etapa há uma transformação de dados. O que foi recolhido como material bruto é transformado, codificado em informação a fim de esclarecer ao leitor. A segunda fase também é subdividida em três partes: o recorte, a escolha de unidades (escolha do tema), a enumeração que é a escolha das regras de contagem (como é tratado o TDI na série, baseando-se na característica de intensidade em que aparece) e por fim a classificação e agregação, escolhas das categorias. Essa escolha se explica nessa pesquisa no aspecto de análise de como o transtorno é trabalhado pelos autores e também relacionado com os preceitos da divulgação científica. Por fim, a última etapa é a de exploração/análise do material.

United States Of Tara – TDI e Divulgação Científica

Na divisão das três temporadas podemos estabelecer também três etapas de como foi tratado o transtorno dissociativo de identidade. Na primeira, os autores trabalharam a maneira

como a família lida com o TDI da personagem; na segunda, começam as buscas pelo tratamento e as raízes para a ocorrência do transtorno e, na terceira, conseguimos muitas respostas sobre os motivos de a personagem ter múltiplas personalidades.

A primeira temporada tem uma responsabilidade: prender o telespectador e fazer com que ele queira a continuação da série. Na série aqui pesquisada, isso foi tratado com um tom de comédia e suspense. No primeiro episódio, conhecemos Tara, que parou com os medicamentos para o transtorno, gravando um vídeo sobre o que ela faz e um problema que tem em aceitar que a filha adolescente já não é mais virgem. Nesse momento, em que ela deixa explícita a incapacidade de lidar com a situação aparece T, personalidade adolescente. Ela tem 15 anos, usa as roupas da filha de Tara, da mesma idade. Durante a primeira temporada, essa personalidade terá um caso com um amigo de Marshal, filho mais novo de Tara e gay. Esse caso será descoberto pelo filho, o que causará, no episódio 11 da primeira temporada, a ida de Tara para um hospital psiquiátrico em busca de respostas para o surgimento do trauma.

Uma explicação dada ao longo dessa temporada é que as personalidades além de protegerem Tara de situações emocionalmente difíceis, também protegem a família da personagem. O caso de T com o amigo do filho e o primeiro aparecimento de Buck, personalidade masculina, servem para explicar essa conclusão. Buck aparece pela primeira vez quando vê o namorado da filha Kate empurrando-a contra uma árvore. A única personalidade canhota e masculina acredita ter lutado no Vietnã, explica que perdeu o pênis após a explosão de uma bomba. Nas primeiras aparições, Buck é o estilo estereotipado de homem, mas ao longo dos episódios nota-se que é uma das personalidades que mais protege e tem cuidado com Tara e seus familiares. Por último, temos conhecimento de Alice e Gimmy. Alice é a personalidade mãe, cozinha bem, cuida da família e tem conhecimento sobre todos os outros alters e Gimmy é uma personalidade animalesca, não tem muita evidência, mas traz situações engraçadas, como fazer xixi em cima do pai de Tara enquanto ele dorme.

Esses são os quatros alters que aparecem durante a primeira temporada. A apresentação é feita em etapas fazendo com que se crie um mistério sobre quem será a próxima personalidade e o que ela vai fazer. Outro aspecto importante dessa apresentação da série ao públi-

co é a busca que Max, marido de Tara, faz sobre um possível estupro que ela sofreu na faculdade e que poderia ter desencadeado o TDI.

Ao decidir ir para um hospital psiquiátrico após o incidente com o filho, eles descobrem o nome do possível homem que estuprou Tara, Trip Johanssen. Nesse mesmo hospital, o médico sugere que Tara encontre-se com Trip para que ela tenha contato com o agressor e, quem sabe, chegue à raiz de tudo. Porém, ao final da conversa com o possível abusador, descobre-se que na realidade quem estava com Trip na noite do suposto estupro era T, ou seja, ela já tinha TDI desde criança, iniciando assim uma nova busca. Tara é a personalidade passiva, em muitas situações nota-se a defesa que os alters fazem por ela. A personagem dificilmente diz não, aceita passivamente as críticas, é dominada pela família e pelas personalidades existentes dentro de sua mente.

O transtorno dissociativo de identidade (TDI) que Tara possui na série, teve seus primeiros estudos no século XIX pelo psicólogo e neurologista francês Pierre Janet. Os transtornos, assim como outros fenômenos, só foram reconhecidos pela nosologia⁸ psiquiátrica a partir de 1952, quando os manuais diagnósticos passaram a vigorar (Kimati; Santos, 2006). Embora não haja muita teoria sobre transtornos num âmbito geral e eles tenham sua etiologia⁹ desconhecida, o TDI se tornou diagnóstico oficial pela Associação Americana de Psiquiatria em 1980 (Faria, 2008). A característica principal que engloba esse transtorno é, segundo o Manual e Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM (APA, 1995, p. 460): “A presença de duas ou mais identidades ou estados de personalidade distintos (Critério A), que recorrentemente assumem o controle do comportamento (Critério B). Existe uma incapacidade de recordar informações pessoais importantes, cuja extensão é demasiadamente abrangente para ser explicada pelo esquecimento normal (Critério C)”.

O transtorno se manifesta como uma defesa resultante de agressões ou abusos físicos e sexuais e até mesmos psíquicos, responsável pelo encadeamento de emersões-imersões de

⁸ Estudo e classificação das patologias a partir de suas características tidas como essenciais, de sua etiopatogenia (Lopes, Hounie, 2005).

⁹ Base subjacente, causa ou condições antecedentes e necessárias para o desenvolvimento de uma perturbação patológica (Cabral, Nick, 2006)

múltiplas personalidades (Putman; Steinberg apud Faria, 2008). Podemos relacionar esse fato à primeira temporada de *United States of Tara*, quando temos contato com a personagem e a possível causa do transtorno, nos episódios finais há a possibilidade de Tara ter sofrido um abuso na época de faculdade. Como citado anteriormente, os abusos são uma das causas para o aparecimento do TDI, tornando essa explicação plausível para Tara.

Também há como causa a inabilidade de um indivíduo lidar com situações difíceis, fazendo com que outras personalidades apareçam. Por isso, as várias personalidades, ao se adaptarem a uma situação, a personalidade aparecerá sempre que acontecer algo semelhante. No entanto, outra personalidade pode surgir ao enfrentar um caso distinto. Na busca por respostas, os pacientes tentam encontrar caminhos para encontrar as causas, no caso de Tara que parou o tratamento, o que fica claro no início da série, o TDI é fato. No entanto, ao longo da trama percebe-se que o diagnóstico foi tardio e a protagonista não possui muitas respostas, sendo que no final da segunda temporada e com mais presença na terceira, temos contato com Shoshanna Shoenbaum. Essa é uma personalidade que se originou após Tara ler um livro de uma terapeuta com o mesmo nome. Nesse momento, ela começa a percorrer algumas lacunas da mente e a ter contato com os alters, derrubando algumas barreiras entre ela e as outras personalidades.

Uma pessoa que possui múltiplas personalidades apresenta lacunas em sua memória, chamada amnésia dissociativa, já que cada personalidade tem uma história distinta, nomes diferentes e características de personalidades próprias, mesmo elas sendo derivadas do próprio indivíduo ou personalidade atuante. Não há um padrão para que as personalidades surjam, sempre há uma personalidade primária, que é a pessoa que sofre do TDI. A amnésia dissociativa é uma das consequências que uma pessoa com TDI pode sofrer. Geralmente as personalidades mais passivas têm recordações mais remotas, enquanto as mais hostis, controladoras ou “protetoras” têm lembranças mais vívidas (APA, 1995). Assim como ocorrem amnésias de situações de curto prazo, há lacunas que ficam em períodos longos, como as lembranças da infância, que é o período em que geralmente ocorrem os abusos que fazem com que o TDI apareça. Tudo isso pode ser observado em Tara.

Ainda há controvérsias sobre os diagnósticos de transtorno dissociativo de identidade, alguns psiquiatras, estudiosos acreditam que não há evidências que sustentem o aparecimento de outras personalidades. Há ideias diversas sobre o transtorno e muitos acreditam que a síndrome tem sido diagnosticada em indivíduos altamente sugestionáveis. Pope (1999) fez uma pesquisa com alguns psiquiatras norte-americanos sobre o TDI e o transtorno de amnésia dissociativa. O resultado foi que apenas um terço dos psiquiatras consultados concordou com os diagnósticos (Kimati; Santos, 2006).

O TDI foi abordado na série e trouxe, mesmo que ficticiamente, especialistas que acreditavam na doença e buscavam formas de tratá-la, assim como trouxe pessoas que não acreditavam no início, mas no final obtiveram algumas certezas. A série engloba o drama familiar e a comédia em torno das situações vividas por Tara, mas também divulga o transtorno dissociativo de identidade.

A divulgação científica não é uma atividade recente, embora ela tenha alcançado mais a sociedade nos tempos atuais, ela surgiu com a ciência moderna. Já no século XVIII, os europeus iam aos anfiteatros para conhecer novas máquinas inventadas e a palestras sobre química, física, medicina (SILVA, 2006). Nota-se que a divulgação existia e era expressa dentro das possibilidades da época, o que deixa clara a transformação para os dias de hoje.

Um conceito que amplia a divulgação científica é o utilizado por Grillo (2006, p. 14) que explica que a divulgação científica “compreende a utilização de recursos, técnicas e processos para a veiculação de informações científicas e tecnológicas ao público em geral”. E é com base nos estudos de autores como Bueno, Vogt, Macedo e Evangelista (mapeados e comparados por Bertolli Filho, 2006), que estabelecemos os aspectos analisados nos episódios. Foram eles: 1) Recodificação da linguagem científica, fazer com que o público leigo entenda de forma clara; 2) Atualidade do tema; 3) Escolha de temas que interessem ao público, geralmente física, química, biologia, engenharia, medicina; 4) Interesse humano, escolha de temas que envolvam as emoções humanas, que as sensibilizem e incentivem à ação; 5) Impacto: geralmente os assuntos de maior interesse são os que envolvem medicina e saúde, como por exemplo avanços em pesquisas sobre o câncer, sexualidade, etc. Pode ser um assun-

to mais antigo, mas que cause interesse; 6) Proximidade: quanto mais perto o público está do evento mais se sente interessado; 7) Conflito: confrontos geram interesse do público. Ideias conflitantes entre cientistas despertam o interesse, além de apresentar dois lados; 8) Necessidade de conhecimento: “paixão pelo saber” do público, buscar saber sobre assuntos novos que geram interesse, que trazem conhecimento e se inteirar com as “coisas da ciência” e 9) Informatividade: trazer formas de explicar ao público que muitas vezes são desnecessárias para os cientistas, mas primordiais para o entendimento do público leigo.

Snow – 11º episódio da 1ª Temporada

A protagonista Tara decide se internar em um hospital psiquiátrico após ter beijado o amigo de Marshall, filho que mais tarde se descobrirá homossexual. O filho flagra Tara e o amigo se beijando em uma pequena casa que fica no quintal. Por gostar do menino, Marshall não perdoa a mãe, mesmo sabendo que quem estava lá era T, a personalidade adolescente.

Após por fogo na cabana, Marshall não fala mais com a mãe, que fica complacente a situação sem dizer nada. Podemos observar que ela aceita e se culpa pelas ações que eventualmente chateiam os que lhe rodeiam. É nesse momento que todos concordam que Tara deve voltar a usar os remédios ou internar-se. O programa prevê uma comunicação entre Tara e os outros alters, além de tentar descobrir o motivo para o surgimento das personalidades. A ajuda será realizada com sessões terapêuticas com o médico e em grupo.

Na primeira sessão em grupo, os pacientes, que também têm múltiplas personalidades, contam sobre os problemas em não lembrar-se do dia-a-dia, a chamada amnésia dissociativa. Essa amnésia pode ser de um dia, como pode criar lacunas de meses na memória. Um exemplo disso nesse episódio é o de Tara. Ela lembra-se de esperar pelo verão e mesmo no inverno vestia as roupas de banho por baixo dos casacos, um dia sentou-se na janela do quarto esperando pela estação e só lembra, após isso, da neve. Seis meses haviam se passado e a protagonista não se lembrava de nada

De acordo com o DSM, amnésias dissociativas podem ocorrer em um período inteiro da infância. Lembranças podem acontecer às vezes pelos relatos das pessoas que convivem

com a pessoa, mas algumas recordações ficam na memória de cada personalidade. Há uma distinção, não como uma regra, mas personalidades passivas tendem a ter recordações (APA, 1995) mais limitadas, como é o caso de Tara, que mesmo sendo a personalidade atuante, é passiva. E as identidades mais hostis, controladoras ou “protetoras” têm recordações mais completas (APA, 1995). Esse é o caso de Alice, a personalidade mais maternal e que tem contato e conhecimentos das outras personalidades.

Outro aspecto tratado nesse episódio é o mecanismo de defesa feito pelos alters. Em uma conversa entre Kate e Marshall, a filha explica para o irmão mais novo sobre o que as personalidades fazem. Ela pergunta se ele não entende o que elas fazem e explica que elas protegem a família e a mãe. Assim como o caso real lançado no livro *Hoje sou Alice- nove personalidades* (2010), que foi abusada, da mesma maneira que Tara, na infância. Essas histórias demonstram os mecanismos criados para lidar com o abuso sexual. Em cada situação de stress emocional ou similar, uma personalidade aparece para proteger a atuante. Portanto, a dissociação funciona como mecanismo de defesa e se dá em diferentes aspectos. Ele pode ser proposital, funcional. É o que explicam Júnior, Negro e Louza (1999):

O conceito de dissociação como mecanismo de defesa é freqüentemente utilizado. Para a teoria psicanalítica, esse mecanismo é considerado proposital, ainda que inconsciente, podendo ser desencadeado por eventos específicos ou se apresentar como traço de personalidade. Segundo Pierre Janet, o fenômeno não teria origem proposital ou funcional, mas surgiria quando o indivíduo experiencia emoções “veementes” (inclusive terror) que levariam ao estreitamento do campo atencional e desorganização das funções usuais de integração das informações na consciência. Assim, experiências não integradas de identidade e memória de longo prazo do indivíduo se tornariam “idéias fixas” simples ou identidades alternativas complexas.

Nesse episódio, as explicações aparecem de forma implícita, com pouco aprofundamento. Para o público leigo fica claro o contato que se deve ter com os outros alters para obter a resposta procurada: quem é o abusador? Das características de divulgação científica analisadas para esse artigo podemos citar que a linguagem é clara, mas não explícita, lembrando que se trata de um roteiro ficcional. O objetivo principal da série é mostrar o cotidiano de uma

pessoa com TDI, portanto, explicações sobre o transtorno não são aprofundadas, mas aparecem de forma clara. Há a preocupação, na adaptação das explicações para o roteiro, que elas apareçam de forma sucinta, mas que expliquem, mesmo que de forma genérica, os aspectos gerais do TDI. Outro critério que podemos avaliar é o de interesse do público, para quem acompanhava a série esse é capítulo que gera interesse por aprofundar mais o tema do TDI. A terapia em grupo, o contato com Buck e aspectos da descoberta de Tara sobre a doença trazem informações que convidam para os próximos episódios.

A divulgação tem que ser equilibrada para que o público tenha conhecimento de maneira rápida e que essa informação mescle o roteiro à teoria. Foi necessário que os roteiristas tivessem a preocupação de objetivar os conceitos, estabelecendo a conexão cientista – não-cientista proposta por Silva (2006, p. 58), quando diz que a divulgação científica opõe dois sujeitos “De um lado, o cientista, de outro, o não-cientista. De um lado o sujeito produtor de conhecimento científico numa posição de autoridade altamente legitimada e de outro, o consumidor de conhecimento científico, o sujeito interessado em atualização cultural, sem nenhum conhecimento sobre ciência”. Essa conexão é estabelecida entre os dois lados, traz explicações que necessitam de um pouco de interpretação por parte do telespectador, já que ela se mistura às situações cotidianas da protagonista.

Doin’ time – 5º episódio da 2ª Temporada

Nos episódios anteriores, Tara se mostra aflita, pois não vê mais caminhos para amenizar as transições. Após esconder da família o aparecimento de Buck e um caso dele com uma garçonete, ela ganha um livro de um vizinho da terapeuta nova-iorquina Shoshana Shoenbaum e no final do episódio quatro ela adquire a nova personalidade que é da terapeuta.

A escolha do quinto episódio se deu pelo fato de que a personalidade de Shoshana apresenta aspectos importantes para Tara que a deixam ansiosa, tentando fazer com que ela se acalme e reflita sobre eles. A protagonista tem algumas lembranças da infância que foram

esquecidas e Shoshana tenta, em períodos conhecidos como co-consciência¹⁰, em que ela se comunica e interage com o alter, encontrar os caminhos de quando foi abusada, por quem foi abusada e o que aconteceu na infância que foi apagado da memória de Tara.

Tara encontra em Shoshana calma e equilíbrio para as situações de estresse. Ela estabelece uma comunicação entre a própria Tara com ela mesma, com a família e os outros alters, fazendo com que ela consiga falar mais o que sente. Uma das cenas que explica essa relação é quando Tara vai para a delegacia buscar Max, que foi preso por agressão e para no meio do caminho, dentro da sua cabeça está a prisão do marido e as lembranças que sobre a infância. Nesse momento Shoshana aparece “no carro” e começa a conversar com Tara. A protagonista bate o carro em uma placa, ou seja, mais um evento para que a situação desande e uma nova transição aconteça. Ao contrário, ela começa a acalmar Tara, fazê-la pensar nas situações, organizar os pensamentos sobre as várias situações que estão bagunçando sua mente. Na conclusão do episódio, Tara conversa com Max sobre todos os psicólogos que consultou durante a vida, mas nenhum ensinou a ela tudo o que Shoshana ensinou, nada mais do que a protagonista conhecendo a si mesma e lidando com as situações da vida.

Os alteregos que auxiliam nos tratamentos são chamados de *Inner Self Helper (ISH)* (Allison apud Faria, 2008), uma espécie de um ajudante interno de si mesmo. Alguns autores como Haddock, Kluft e Ross, citados por Marcello Faria afirmam que “a liberação dos aspectos traumáticos, objetivando processos de integração, constitui a essência maior do tratamento porque dissolve o impacto do trauma recalado e, conseqüentemente, diminui ou cessa a dissociação”. Shoshana seria, então, o ISH de Tara, por mais que não seja uma auxiliar para um tratamento com o psicólogo, ela é a própria psicóloga.

Ao buscar os entendimentos sobre o passado, Tara estabelece uma conexão com os estados de consciência propostos pela psicologia cognitiva. São dois os estados: a consciência

¹⁰ A co-consciência é “termo proposto por Morton Prince para indicar os estados psíquicos na consciência do indivíduo, mas desassociados dela. São estados dos quais não dá conta o indivíduo, mas que atuam, contudo, dinamicamente de modo a se tornarem causas de diversos fenômenos psíquicos normais”. (Santos, 1963, p. 309). Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/31093685/Dicionario-de-Filosofia-e-Ciencias-Culturais>. Acesso em 4 out. 2011.

do eu (*self consciousness*) e a consciência do outros (*other consciouness*). Respectivamente, uma narrativa centrada no Eu e que se volta para a identificação que fazemos de nós e o segundo, uma relação com o mundo externo (Kimati, Santos, 2006). Ou seja, a junção dessas duas consciências estabelece a maneira em que o “eu” está situado no mundo. “A experiência dissociativa constitui a perda dessa continuidade. (...) Desta forma, a dissociação está envolvida numa quebra da experiência que inclui alterações de identidade, da relação com o outro e da memória” (Kimati, Santos, 2006). Como Tara tem esses eventos dissociativos, e a personalidade instável, ela perdeu essa relação “eu” e conflitos com o mundo externo, sendo necessário restabelecer a relação e o equilíbrio entre as situações.

Nesse episódio a divulgação aparece de forma mais interpretativa, as explicações teóricas não aparecem de forma explícita. Para um entendimento maior do público, seria necessária uma pesquisa mais aprofundada sobre qual o papel de Shoshana. Porém, fica claro, mesmo sem nomes técnicos, que é ela quem dá voz aos pensamentos da protagonista. Para que ocorra a divulgação científica é necessária uma linguagem compreensível para o público não especialista. É necessário uma “busca do ideal de tornar compreensível para um público leigo uma linguagem que lhe é primitivamente hermética e inacessível” (Zamboni, 2001). Talvez se nesse episódio a roteirista tivesse utilizado uma linguagem mais técnica, a compreensão dos aspectos da trama não teria sido tão clara, ou seja, as informações dadas foram suficientes para o entendimento da aparição de uma nova personalidade.

Nesse momento se verifica a proximidade com o público que passa a entender alguns aspectos que antes se limitavam aos psiquiatras, psicólogos e psicanalistas. É o que propõe Labriola (2002, p. 4) sobre as mesclas de conhecimento entre o público e os cientistas. Nesse episódio, as informações sobre o transtorno não foram tão claras, mas adaptaram-se ao discurso e ao entendimento do telespectador sobre a trama. Mesmo implícita, subentende-se que a terapeuta é um fator de compreensão de Tara sobre as questões das memórias, transições e busca por estabelecer-se em uma personalidade. Isso propicia ao público conhecimento sobre os aspectos gerais do TDI.

The good parts – 12º episódio da 3ª Temporada

O último episódio analisado trata do desfecho da história, é o último episódio da temporada e também o último da série. Para melhor entendimento dos fatos desse episódio é necessário fazer algumas considerações sobre episódios anteriores. No episódio nove aparece um novo alter, o de Bryce Craine, meio irmão de Tara que abusava dela e da irmã quando crianças, sendo esse, portanto, o motivo para o aparecimento do TDI. Essa personalidade surgiu com o propósito de matar todos os outros alters e a própria Tara. O alter Bryce é chamado de alter ego abusivo, na própria série ele é explicado pela fala do Dr. Smolow (Robert Picardo) como “a personalidade moldada no abusador primário. Babá, membro da família (...) Essa personalidade protege a si mesmo do abusador original se tornando o abusador. É um paradoxo, o eu se voltando contra o eu mesmo”.

O episódio precedente ao último da série termina com Max e Tara indo para um centro psiquiátrico para uma nova internação. A última cena mostra Tara pulando de uma ponte. Esse pulo caracteriza Tara “afogando” Bryce, mas também, a própria Tara tentando se afogar, seria como uma tentativa de suicídio, o diálogo que ela tem ao tentar matar Bryce seria uma analogia ao tempo em que ela ficou na água. Esse momento acaba quando Max arromba a porta da sala onde ela se encontra e retira ela de lá. Bryce já está morto.

A decisão é de não contar para o resto da família sobre a tentativa de suicídio e aceitar a sugestão de Dr. Hatteras (Eddie Izzard), consultar um médico em Boston. Antes, Tara pede à família para fazerem um jantar juntos, porém pode-se observar o desgaste da relação familiar. Em episódios recentes T bate em Kate, Bryce briga com Marshall, fora os acontecimentos que ocorreram durante toda a série que magoaram os familiares. Nota-se o cansaço da família com as tentativas frustradas para a estabilização das transições.

A protagonista tentará, nesses últimos momentos, mostrar a personalidade Tara que ficou em segundo plano durante a série, personagem principal, mas de quem pouco sabíamos. Ela se mostra como a mãe preocupada ao conhecer o novo namorado da filha, leva Marshall para ver o memorial do ex-namorado que morreu em um acidente, cozinha com a família. São os pequenos detalhes que passaram durante a série, mas mesclados com as outras personali-

dades e é nesse último episódio que podemos perceber Tara, somente ela. As últimas cenas mostram Tara indo para Boston e na parte de trás do carro estão Buck, T e Alice, as três primeiras personalidades da série.

Os tratamentos do transtorno preveem, com a psicoterapia, a integração do eu fragmentado. Faria (2008) propõe um esquema para o desenvolvimento da personalidade múltipla: Trauma real → Dissociação → Alters → Personalidade Múltipla ↔ Integração. O autor também aponta que “essa seqüência ou encadeamento resulta na busca, pela terapia, como processo reverso, ou seja, num tratamento curativo para o transtorno, alcançando com a integração da fragmentação do eu, pela fusão das identidades dissociadas” (Hacking, Hadock, Kluff & Fine, Putnam, Ross apud Faria). Um conceito apresentado por Cabral e Nick (2006), a integração de personalidades se apresenta como a “organização e unificação dos motivos e tendências dinâmicas de uma pessoa, resultando numa coesão harmoniosa dessas tendências e na redução dos conflitos internos a nível mínimo”. É por isso que Tara busca a redução dos conflitos internos e das personalidades até que se resuma a apenas uma, a própria Tara.

O episódio analisado segue os preceitos da análise anterior feita com o episódio *Doin Time*. Ele apresenta características da ciência que necessitam de interpretação. Não temos a apresentação de explicações aprofundadas, porém, as ocorrências se enquadram no contexto do transtorno. Eles são fieis aos materiais, apresentando causas que são realmente possíveis em casos patológicos do TDI. Porém, os objetivos não são de ensinar às pessoas o que é o transtorno em suas questões mais profundas. Segundo Piassi e Pietrocola (apud Gomes, 2011, p. 27), a linguagem sobre ciência na ficção “(...) é didática, porque se propõe a veicular idéias, mas não no sentido de explicar o que é a ciência ou ensinar conceitos científicos, embora isso possa ocorrer ocasionalmente. O que ela veicula, acima de tudo, são as questões que incomodam ou estimulam as pessoas, e que são questões originadas na ciência e na nossa relação sociocultural com ela”.

A série relaciona-se com a proposta de promover a divulgação do tratamento de Tara para integrar todas as personalidades e se livrar, principalmente, dos medos após o trauma de

infância. Nesse episódio pode-se concluir que Tara precisou encontrar a si mesma para depois integrar os outros alters.

Considerações finais

Esse artigo buscou analisar se a divulgação científica sobre o Transtorno Dissociativo de Identidade ocorria de forma clara na série *United States of Tara*. A relação foi feita com base na análise de três episódios da série relacionados aos conceitos e características da divulgação científica. O formato do objeto de estudo, o seriado, foi escolhido por ser muito disseminado nos EUA e também aqui no Brasil, que na última década tem contribuído para o conhecimento do público leigo sobre a ciência.

A série teve três temporadas e foi cancelada em 2011. A proposta era a de mostrar o cotidiano de uma mulher, mãe de dois filhos e casada, portadora de TDI. Após a análise desses três episódios, pode-se constatar que o transtorno serviu como base para a narrativa da série. Houve momentos em que se pôde ter contato com explicações mais detalhadas, no entanto foram situações esporádicas. Principalmente nos três episódios que compõe esse artigo, as questões sobre o transtorno necessitavam de mais interpretação, porém não fugiam dos elementos propostos pelos autores pesquisados sobre o transtorno.

É possível, portanto, com a série *United States of Tara*, ter conhecimento sobre o TDI, mas não aprofundado, que é o que estabelecem as características da divulgação científica, ainda mais quando adaptadas para roteiros de ficção. Como já citado anteriormente, a série não é de ficção científica, mas podemos adaptar a característica de que, ao tentar divulgar a ciência, a ficção não necessita ensinar o público, embora isso possa ocorrer, mas sim mostrar as novas descobertas e estudos da ciência e, de algum modo, estimular o gosto pelo tema e a vontade de saber mais.

Referências

APA, A.P.A, DSM IV. **Manual diagnóstico de transtornos mentais**. Porto Alegre: Artes Médicas. 4ª ed., 1995.

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BERTOLLI FILHO, Claudio. **Elementos para a prática de jornalismo científico**. Bauru: UNESP, 2006.
- CABRAL, Álvaro; NICK, Eva. **Dicionário técnico de psicologia**. 14^a ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- FARIA, Marcello. O teste de pfister e o transtorno dissociativo de identidade. **Avaliação Psicológica**, Itatiba, n.3, 2008, p. 359-370.
- GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 1999.
- GOMES, Fernando. **A verdade escrita em nossos rostos: uma análise do conteúdo científico abordado na série Lie To Me**. Trabalho de conclusão de curso (TCC). Itajaí: Univali, 2011.
- GRILLO, S. V. C. Divulgação científica na esfera midiática. **Revista intercâmbio**, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2006.
- KIMATI DIAS, Marcelo; SANTOS, José Luiz dos. Dissociação, experiência e narrativa: um estudo de caso. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, n. 4, p. 583-597, 2006.
- LABRIOLA, Rodrigo Fernández. **Da divulgação científica à utopia da mídia: As publicações de ficção científica na associação entre a tecnologia e os massmedia**. I Encontro Nacional da Rede Alfredo Carvalho. Florianópolis, 2002.
- LAVORATTI, Liliana. Entre a loucura e a insensatez. **Ciência & Vida: Psique** Disponível em <http://www.revistafilosofia.com.br>>. Acesso em 13/10/2011.
- LOPES, Carlos Antônio; HOUNIE, Ana Gabriela. Neurocirurgia no tratamento do transtorno obsessivo compulsivo refratário . **Psychiatry on line Brasil** , v. 10, n. 4, 2005. Disponível em <<http://www.polbr.med.br/ano05/lbp0405.php>>. Acesso em 06/10/2011.
- SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.
- SILVA, Henrique Cesar. O que é divulgação científica?. **Ciência & Ensino**, Campinas, v.1, n.1, 2006.